

Sobreviver não basta: o novo/mesmo mal-estar na civilização

Juarez Guedes Cruz¹, Porto Alegre

Na abordagem temática de O novo mal-estar na civilização, o autor, em vez de ocupar-se do novo, debate o tema a partir da invariância existente no atual cenário que nos cerca. Embora não seja possível esquecer que a peste trouxe graves consequências de vários tipos, ressalta o que não mudou, a cesura como ponte entre esses estados pré e pós-catastróficos marcados pela pandemia. Vale-se da paráfrase de que há muito mais continuidade entre a aflição dos dias de hoje e o mal-estar do qual nos falava Freud em 1930 do que a impressionante cesura da Covid-19 permitiria supor.

Palavras-chaves: Covid-19; Cesura; Psicanálise; Infelicidade; Cultura

¹ Médico, psiquiatra e psicanalista. Membro efetivo e analista didata da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).

1. Que Eros encontre forças...

Nas linhas finais de *O mal-estar na civilização*, Freud comenta que o principal dilema da espécie humana a respeito de seu futuro é definir até que ponto conseguirá resolver a perturbação causada pelo instinto de agressão e autodestruição. Faz votos de que Eros, o eterno instinto de amor e vida, encontre forças para vencer Thánatos, a morte, “seu não menos imortal adversário” (Freud, 1930[1929]/1974, p. 171).

Encerrada a releitura do ensaio freudiano, resolvo passar os olhos pelos jornais do fim de semana. Fico sabendo que Thánatos, há dois dias, promoveu mais um show, desta vez em Roma: trinta manifestantes contra o passe verde invadiram uma policlínica, promoveram um quebra-quebra, rasgaram macas e feriram pessoas. No dia anterior, uma multidão tomara conta das ruas da capital e de outras cidades da Itália para protestar contra o uso obrigatório do certificado sanitário da Covid-19. Houve confronto entre militantes e polícia, e pelo menos 38 agentes saíram feridos. Chefiando os manifestantes, estavam os líderes do partido neofacista italiano *Forza Nuova*.

Desligo o aplicativo de notícias, olho para o volume da *standard* que contém o artigo de Freud (1930[1929]/1974), encolho-me na poltrona e pergunto a mim mesmo: mas de que *novo* mal-estar falarei em meu texto? Porque a sensação é de que – passados noventa anos e apesar de todos os progressos culturais e científicos – não demos, como civilização, qualquer passo à frente. A violência está aí, batendo às nossas portas. Além disso, a assustadora corrupção em nosso país também é pandêmica e tem alto poder de contágio. As próprias medidas que deveriam ser usadas para a proteção das pessoas são politizadas e brandidas como armas em uma guerra de poder. Então, que *novo* padecimento é esse, oferecido com aspecto, gosto e odores da mesma infelicidade requentada, da qual nos falava Freud, e novamente empurrada goela abaixo? A impressão que tenho, pensando sobre a proposta dos editores – *novo mal-estar na civilização* –, é de que a pandemia só veio acrescentar, ao mal que sempre existiu, mais lenha na fogueira de vaidades, mais instrumentos para o exercício de poder, mais oportunidades para aquilo que de pior existe na natureza humana. Ao mesmo tempo em que cientistas buscam soluções para as ameaças às nossas vidas, os políticos e curandeiros de plantão encontram oportunidade para reavivar o imperecível Thánatos, a velha luta entre os dois instintos sendo levada para o seio das instituições e corrompendo-as. A ironia de Umberto Eco (2011) é contundente neste sentido:

(...) a história da nossa espécie sempre esteve mais marcada pelo ódio, pelas guerras e pelas matanças que por atos de amor (menos cômodos e, com frequência, mais cansativos quando querem estender-se além dos limites do nosso egoísmo). Nossa propensão às delícias do ódio é tão natural que aos caudilhos dos povos resulta mais fácil cultivá-lo, enquanto que ao amor somos convidados por seres sinistros que têm o costume nauseabundo de beijar leprosos. (p. 249, tradução livre)

Mantém-se o círculo vicioso que existia antes, existe durante e, ao que tudo indica, existirá depois dos tempos de pandemia.

A luta, portanto, continua, e só podemos indagar com Freud (1930[1929]/1974): “quem pode prever com que sucesso e com que resultado?” (p. 171).

Atônito em meio a essas reflexões, lembro o conselho de Ralph Waldo Emerson: “O bem-estar do olho parece exigir um horizonte” (Tone, 2021, p. 9). Procuo meu horizonte para este ensaio e encontro: em vez de ocupar-me do novo, do corte, abordarei o tema a partir da invariância existente no atual cenário que nos cerca. Embora não seja possível esquecer que essa peste trouxe graves consequências de vários tipos, ressalto o que não muda, a cesura como ponte entre esses estados pré e pós-catastróficos marcados pela pandemia. Vale até a paráfrase: há muito mais continuidade entre a aflição dos dias de hoje e o mal-estar do qual nos falava Freud em 1930 do que a impressionante cesura da Covid-19 permitiria supor.

Centro tal enfoque na seguinte premissa: a pandemia da vez é a Covid-19, a infelicidade de base é a mesma. Falo em infelicidade porque o título original, escolhido por Freud para seu artigo, havia sido *Das Unglück in der Kultur* (*A infelicidade na civilização*), mas *Unglück* foi alterado para *Unbehagen*, palavra para a qual foi difícil escolher um equivalente em inglês. O próprio mestre havia sugerido *O desconforto do homem na civilização*, mas os tradutores do texto criaram o título que ficou consagrado. Partindo da ideia original de *infelicidade* – e da premissa de que o objetivo psicológico maior e mais digno do ser humano é ser feliz eticamente, ou seja, desde que a sua felicidade não cause a infelicidade de outrem – é que pensei em juntar esses dois aspectos: a busca de uma felicidade pessoal e o fato desta felicidade estar alicerçada no encontro de significados para a nossa existência. Isto, é claro, dentro do vértice do quanto o psicanalista, em sua prática clínica, pode contribuir.

2. O difícil trabalho de ser feliz

Na relação do ser humano com a cultura, as primeiras notícias não são nada boas. Sigmund Freud (1930[1929]/1974), no seu ensaio, não deixa por menos:

(...) a intenção de que o homem seja feliz não se acha incluída no plano da Criação... pois o sofrimento nos ameaça a partir de três direções: de nosso próprio corpo, condenado à decadência e à dissolução (...); do mundo externo, que pode voltar-se contra nós com forças de destruição esmagadoras e impiedosas; e, finalmente, de nossos relacionamentos com os outros homens. (p. 95)

Ou seja, na nossa breve existência, só a infelicidade é certa. Se a vida dos seres humanos dura, atualmente, uma média de escassos oitenta e poucos anos, isso quer dizer que raríssimos dos leitores que estão a ler este número da Revista no ano de sua publicação, 2021, contemplarão artigos a serem escritos em 2091. A não ser que a ciência médica e a engenharia genética passem por uma revolução, a *decadência e a dissolução* das quais nos fala Freud irão se encarregar de transformar a felicidade de hoje nos lamentos de poucas décadas à frente. Não bastassem tais asperezas da condição humana, lembro aqui o quanto as pessoas ainda pioram os desconsolos naturais e inevitáveis com criações neuróticas às quais se submetem com tanta obediência como se fossem circunstâncias inexoráveis do *Destino*.

A fragilidade de nossa condição e as ameaças de sofrimento que nos assediam desde sempre trazem à cena a *Respiração*, de Samuel Beckett (1969). Essa peça teatral dura aproximadamente trinta e cinco segundos e o cenário, coberto de lixo, é desolador. Em um dos cantos do palco, ouve-se uma longa e crescente inspiração, seguida pelo choro de um recém-nascido. A luz, que era fraca, aumenta de intensidade para, logo depois, diminuir até chegar na escuridão, momento em que se ouve, no outro canto do palco, uma longa e profunda expiração. Breve passagem a nos dizer “olha o exíguo tempo que duram a tua vida, a tua vaidade, os teus sonhos de grandeza”, alguns poucos segundos de respiração entre o útero (*womb*) e o túmulo (*tomb*), com soluços, luz e escuridão entre um e outro.

Tal cenário reafirma, em uma síntese que poucos conseguiram do mesmo modo que Beckett, o quanto só a infelicidade é garantida. A felicidade dependerá de nossa sorte em termos tido pai e mãe amorosos, uma constituição boa e cuidada, de não sermos atropelados pelas forças esmagadoras e impiedosas do mundo externo ou que os outros homens e mulheres não se encarreguem de infernizar ou abreviar nossa existência. O sucesso das religiões que nos intoxicam com a ilusão de que

existe vida após essa passagem na Terra, as consultas a cartomantes e tarólogos, que se anunciam capazes de prever o nosso futuro, a crença em astrólogos, que traçam nossos mapas astrais quando buscamos culpar, como nos diz Shakespeare (1606/1999), “o sol, a lua e as estrelas pelos nossos desastres; como se fôssemos canalhas por necessidade, idiotas por influência celeste; escroques, ladrões e traidores por comando do zodíaco; bêbados, mentirosos e adúlteros por forçada obediência a determinação dos planetas” (p. 22): tudo isso com o objetivo de negar a nossa precariedade, condição transitória irremediável, e a nossa responsabilidade por aquilo que fazemos ou deixamos de fazer.

Confirmando o comentário, atribuído a Bion (1963), de que a psicanálise tenta uma resposta clínica às perguntas que a arte e a filosofia nos fizeram, outro autor responsável por indicar a infelicidade que sempre nos cercou é Albert Camus, em seu *O mito de Sísifo*, verdadeira dissertação sobre o absurdo da existência quando desprovida de significado. “Os deuses condenaram Sísifo a empurrar incessantemente uma rocha até o alto de uma montanha, de onde tornava a cair por seu próprio peso. Pensaram, com certa razão, que não há castigo mais terrível que o trabalho inútil e sem esperança” (Camus, 1942/2021, p. 121). A vida sem um sentido é um completo absurdo. O corolário deste raciocínio é uma pergunta: *minha existência tem, para mim, uma significação que legitima o seu prolongamento?* Por si só, é mal-estar suficiente. Voltarei a esse assunto mais adiante, quando abordar o papel do psicanalista ao ajudar na busca de sentido.

Esse convívio com um mundo hostil, indiferente a nós, e que, *calmamente, despreza nos destruir*, como assinala Rilke (1922/1961) na primeira das elegias de Duino, inicialmente nos provoca estranheza. Depois, o sentimento de absurdo. É nessas horas, quando a razão se esgota, que o homem busca a religião, que lhe proporciona a ilusão de um sentido fora dele. As drogas, as adições de qualquer natureza, as crenças religiosas, são maneiras de não se defrontar com o absurdo do qual nos fala Camus. O mal-estar são as diversas apresentações desse absurdo que é viver sem um significado. Viver uma existência sem essência. Dia após dia tal qual Sísifo, empurrando uma pedra lombá acima. Para o mestre francês, o suicídio era a única questão realmente importante da filosofia. Está valendo a pena viver?

3. E aí? O que faz o psicanalista

E aí? O que faz o psicanalista diante desse quadro melancólico, em que a morte e a infelicidade são garantidas e a felicidade tão relativa? O que pode o psicanalista nessa situação? Concordo com o que disse nossa colega Gisha Brodacz

(2021) no recente Congresso da Associação de Psiquiatria do Rio Grande do Sul (APRS), parafraseando Ogden: de várias coisas não podemos abrir mão em nossa prática clínica, remota ou presencial, mesmo nesses tempos de pandemia. Só podemos continuar o nosso trabalho tentando reforçar as falanges de Eros para diminuir um pouco do mal-estar que nos constrange. Precisamos lembrar, nessa hora, que o único vértice privilegiado do analista é o mundo interno de seu paciente. Em relação a todas as outras questões, somos tão leigos e ignorantes quanto qualquer pessoa. Tendo tal premissa em mente, minha ideia é de que façamos o nosso trabalho da maneira mais humana e efetiva possível, conservando o *setting* interno, e atentos à nossa tarefa de buscar significados na vida do paciente. Sempre mantendo presente a máxima de que o neurótico não sofre de reminiscências, ele sofre pela falta de significado dessas reminiscências.

A essa altura do meu ensaio, lembro-me do último texto publicado por Bion (1979), intitulado *Como tornar proveitoso um mau negócio*. Se a arte, a filosofia e a psicanálise sugerem que viver no meio da civilização é um péssimo empreendimento para quem pensa em ser feliz, pelo menos a psicanálise, atenta a essas forças oriundas do próprio psiquismo, pode ajudar a viver melhor, não atrapalhando a felicidade possível. E a postura do psicanalista parece paradoxal: a recomendação é a de estabelecer com nosso paciente uma parceria na qual não existe qualquer compromisso com a felicidade, mas com a verdade da sua história e da sua condição psíquica. Compromisso este que é alimentado pela esperança de que só a verdade e a realidade, por mais difíceis que sejam, são as portas que dão acesso às soluções razoáveis para a sua condição atual de vida.

Mal-estar/bem-estar, felicidade/infelicidade, eis estados tão impressionantemente contínuos que a frase do poeta ressoa em nossos ouvidos: “para sempre é sempre por um triz” (Hollanda & Lobo, 1983[1982], s/p). Dependem, exagerando um pouco, de converter ou não o pênalti. São categorias efêmeras e quase nem vale a pena ocupar-se delas. Por isso a ideia que estabeleci como premissa para o presente ensaio: podemos pensar que o mal-estar na civilização é uma condição básica, precede a pandemia e não depende da mesma. Continuará existindo depois que ela, como todas as outras pestes que nos assolaram, tiver passado. Quando se fala na insuficiência de nossos métodos em um plano mais elevado que o do consultório, é porque se espera demais da psicanálise. Ela é um processo que visa promover o crescimento da mente do sujeito. Não se propõe à solução de sintomas ou de problemas das relações do indivíduo com o Estado ou com a sociedade. Isso é tarefa da sociologia e da política. A não ser pelo incômodo desse *setting* remoto sem paredes, o meu modo de trabalhar não mudou com a pandemia.

Na admirável releitura do *Hamlet*, dirigida por Claire McCarthy (2018), Ofélia ouve os conselhos do pai de que deveríamos fazer qualquer coisa para sobreviver. É quando responde com a frase que utilizei como título desse ensaio: *Sobreviver não basta*. A afirmativa da jovem sintetiza muito do que pretendi dizer a respeito de um suposto *novo* mal-estar. O que Ofélia diz para Polônio é o que já nos disseram Sartre (1938/2011) e Camus (1942/2021). Alertaram-nos que, desde a concepção, acostumamo-nos a sobreviver; que a existência precede a essência e que, se não encontrarmos, além da sobrevivência, um significado para a nossa vida, estaremos condenados a repetir a maldição de Sísifo. Tem razão, portanto, a jovem Ofélia: sobreviver não basta. Tal reflexão leva-nos à pergunta que inverte aquela habitual: a nova pergunta é *há vida antes da morte?* Porque se não houver uma vida com significado antes da morte estamos reduzidos a *cadáveres adiados* como nos alertava Fernando Pessoa (1934/1989), aquele vasto poeta. Ou, então, do mesmo modo, recorro a afirmação de outro poeta português, Afonso Cruz (2012): “Todos os que vivem morrem, mas nem todos os que morrem viveram” (p. 105).

Nesse mesmo sentido, Bion (1970) já nos alertava: o pensamento primitivo é regido pela necessidade de sobrevivência (por uma razão que é escrava da paixão). No caso, a *paixão* instintiva por simplesmente continuar vivendo. No início das nossas vidas, e para cada um de nós, mesmo adultos, nas capas mais primitivas da nossa mente, a questão não é cotejar pensamentos e argumentar. A questão é sobreviver. Assim sendo, quando alguém discorda de mim, a tendência mais primitiva que me assola é sentir que ele está querendo cortar a minha respiração, me matar. Frustração é um eufemismo barato para medo de morrer. Minha resposta natural e primitiva não é utilizar as ideias, o pensar lógico. Minha resposta primitiva e natural é usar razões que, como escravas das paixões, fazem de tudo para que eu continue respirando, independentemente do cogitar evoluído. Refletir de modo ampliado exige disciplina e uma atenuação do medo de morrer. É necessária uma evolução do aparelho para pensar que, além da existência, é preciso alcançar uma essência, um sentido, um significado para a vida. Essa foi, e continua sendo, a tarefa que cada analista busca realizar, seja na solidão de seu consultório, seja em um esforço frente a uma tela bidimensional: tornar a existência digna de ser vivida.

Atrás da porta, Beckett, Camus, Freud, Pessoa, Sarte, Bion, Eco, Shakespeare e Rilke estão à mesa de um café. Sorrindo com certa ironia, aguardam para saber como nos sairemos nessa empreitada em que estamos metidos. □

Abstract

Surviving is not enough: civilization and the new/same discontents

In a thematic approach to *Civilization and the new discontents*, the author, instead of dealing with the *new*, discusses the topic based on the invariance existing in the current scenario around us. Although it may be impossible to forget that the plague brought serious and diverse consequences, this paper highlights what has not changed, the caesura as a bridge between the pre and post-catastrophic states marked by the pandemic. It is used by the paraphrase that there is much more continuity between the affliction of today and the malaise of which Freud spoke to us in 1930, than Covid-19's impressive cesura would suppose.

Keywords: Covid-19; Caesura; Psychoanalysis; Unhappiness; Culture

Resumen

Sobrevivir no basta: el nuevo/mismo malestar en la cultura

En el abordaje temático de *El nuevo malestar en la cultura*, el autor, en lugar de abordar el *nuevo*, debate el tema a partir de la invariancia existente en el escenario actual que nos rodea. Si bien es imposible olvidar que la peste trajo graves consecuencias de diversa índole, destaca lo que no ha cambiado, la cesura como puente entre estos estados pre y post catastróficos marcados por la pandemia. Utiliza la paráfrasis de que hay mucha más continuidad entre la aflicción de hoy y el malestar del que hablaba Freud en 1930 de lo que la impresionante cesura del Covid-19 nos permitiría suponer.

Palabras clave: Covid-19; Cesura; Psicoanálisis; Infelicidad; Cultura

Referências

- Beckett, S. (1969). Breath. In *Beckett on film* (Vídeo). Blue Angel Films.
- Bion, W.R. (1963). *Elementos de psicoanálisis*. Buenos Aires: Ediciones Hormé.
- Bion, W.R. (1970). *Atención e interpretación*. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1974.
- Bion, W.R. (1979). *Hay que pasar el mal trago*. Buenos Aires: Lugar Editorial, 1987.
- Brodacz, G. (2021). Psicoterapia, pandemia e virtualidade. In *XV Congresso Gaúcho de Psiquiatria*. Comunicação verbal.

- Camus, A. (2021). *El mito de Sísifo*. Barcelona: Penguin Random House Grupo Editorial, S.A.U. (Original publicado em 1942)
- Cruz, A. (2012). *Enciclopédia da Estória Universal – Recolha de Alexandria*. Madrid: Santillana Editores.
- Eco, U. (2011). Del odio y el amor. In *De la estupidez a la locura. Crónicas para el futuro que nos espera*. Milão: La nave di Teseo, 2016.
- Freud, S. (1974). O mal-estar na civilização. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, O futuro de uma ilusão, O mal-estar na civilização e outros trabalhos* (Vol. 21, pp. 81-171). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1930 [1929])
- Hollanda, C.B. de, & Lobo, E. (1983[1982]). Beatriz. In *O grande circo místico* [Música]. Faixa 2. Direitos reservados à Marola Edições Musicais Ltda. Obra criada para o Ballet Guaira. Concepção e Roteiro: Naum Alves de Souza. Orquestração e Regência: Chiquinho de Moraes, 1989. Recuperado de <http://www.chicobuarque.com.br>
- McCarthy, C. (2018). *Ophelia* (filme). Based on Hamlet by William Shakespeare, Ophelia by Lisa Klein. United States: IFC Films/ United Kingdom: Blue Finch Film Releasing
- Pessoa, F. (1989). *Mensagem*. Ed. José Flório. Mem Martins, Europa-América, 117 p., il. (Original publicado em 1934)
- Rilke, R.M. (1961). *Duino Elegies*. Berkeley: University of California. (Original publicado em 1922)
- Sartre, J.P. (2011). *A náusea*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Original publicado em 1938)
- Shakespeare, W. (1999). *O Rei Lear*. Porto Alegre: L&PM. (Original publicado em 1606)
- Tone, L. (2021). A pintura como liminaridade. In *Lucas Arruda, um lugar sem lugar*. Porto Alegre: Fundação Iberê Camargo.

Recebido em 25/10/21

Aceito em 26/11/2021

Revisão gramatical de **Gustavo Czekster**
Revisão técnica de **Elena Beatriz Tomasel**

Juarez Guedes Cruz
Rua Tobias da Silva, 85/306
90570-020 – Porto Alegre, RS – Brasil
juarezguedescruz@gmail.com